

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasiliense

Class.: 300

Data: 19.04.88

Pg.: _____

Na-ke-nhê-nhê í-ti?

O índio vai falar para a aldeia do branco

CARMEM MORETZSOHN
Editoria de Cultura

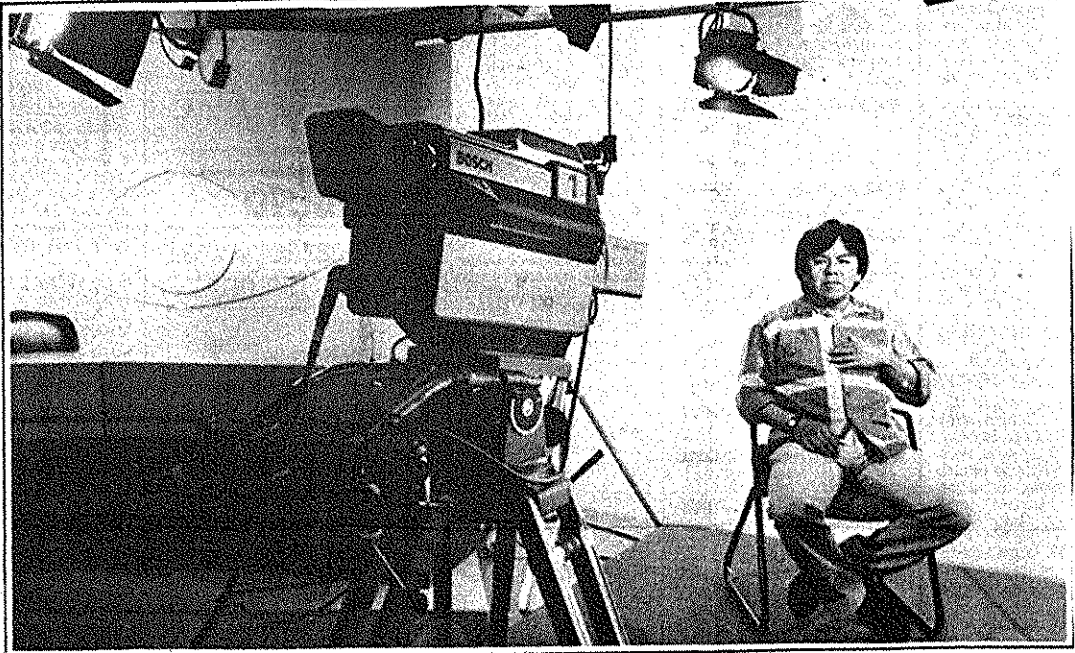
Agora, sem essa de tambor, sinais de fumaça. O índio vai falar a linguagem do branco para ver se o branco entende, de uma vez por todas, a linguagem do índio. Não é apenas um jogo de palavras: no final deste mês, o Brasil inteiro conhecerá, de perto, os problemas, aspirações, crenças e preocupações de 220 mil índios brasileiros, através de um de seus representantes mais preparados: Marcos Terena, 33 anos, curso superior em administração, piloto profissional e ex-assessor do Ministério da Cultura. Terena terá, semanalmente, três minutos para falar sobre a vida de seu povo (dividido em mais de 170 nações), num novo telejornal que a Bandeirantes colocará no ar. Trata-se do *Jornal de Vanguarda*, um noticiário que pretende ser o mais descontraído da televisão brasileira.

O *Jornal de Vanguarda* terá como comentaristas fixos a roteirista Rita Lee, o escritor e militante do Partido Verde, Fernando Gabeira, o cantor/compositor Gilberto Gil e o jornalista Augusto Nunes, além de Marcos Terena que terá espaço de um minuto e meio nas edições de terça e quinta-feira. Um tempo que, à primeira vista, pode parecer curto, mas que Terena pretende fazer render ao máximo, usando depoimentos, comentários e imagens.

A idéia da participação de Marcos Terena num quadro fixo de um telejornal partiu de Fernando Barbosa Lima já há algum tempo. Há dois anos, o jornalista contactou Terena para realizar o mesmo tipo de trabalho, só que para um programa da TV Educativa. Terena aceitou, mas a idéia não vingou. Agora, na direção de jornalismo da Bandeirantes, Fernando Barbosa Lima quer competir com a líder em audiência do País, lançando uma atração diferente para o horário do *Jornal da Globo*. Uma atração que pretende informar de forma descontraída, sem a sobriedade que marca o jornalismo global.

Ninguém melhor para falar de índio do que Marcos Terena. Quando da criação do Minc, ele foi o indicado pelas nações indígenas para representá-las junto ao poder. Sem perder a tranqüilidade, a fala serena e lenta, Terena consegue expor seus argumentos e brigar pelo que acredita. E é ele quem diz: "Este espaço na televisão está sendo levado a sério por nós e queremos que também nos levem a sério. Não queremos que

MILA PETRILLO



Marcos Terena vai dar o recado do índio durante três minutos a cada semana

isso seja visto apenas por seu lado folclórico, curioso, plástico, mas que seja uma referência para falar da vida, dos problemas dos índios por todo o Brasil".

Quem pensa que um minuto e meio em cada programa de Terena será usado em lamúrias e críticas se engana profundamente. O índio não quer cansar ninguém com queixas que não dão em nada. "A gente quer, basicamente, mostrar para a sociedade as preocupações constantes do índio em relação à sua vida, à demarcação do seu território, ao contato com o branco e à sua participação na sociedade brasileira" — informa Terena. Para isto, ele promete calçar os assuntos de cada programa em parâmetros entre o modelo de vida dos índios e o modelo dos brancos, o contato de ideologias e civilizações. "Existe um mundo inteiro por trás daquela imagem do índio pintado e enfeitado. Há coisas desconhecidas pelo branco. Acontece que padronizaram e a imagem de que o índio ou é selvagem ou é preguiçoso, mas sempre um indivíduo nocivo para o País. E a população se acostumou a olhar o índio sob estes dois ângulos. Há um mundo desconhecido até pelas autoridades que administram a questão do índio no Brasil".

Quando falar pela primeira vez no *Jornal de Vanguarda* da Bandeirantes, Terena estará representando os anseios de toda a comunidade indígena, que

vem sendo, a cada dia, mais esquecida e massacrada pela sociedade brasileira. Uma grande responsabilidade para quem tem consciência da repercussão que pode ter qualquer palavra durante um telejornal. Por isso, antes de aceitar o convite de Fernando Barbosa Lima, Terena fez questão de ir até sua tribo e conversar com alguns velhos conselheiros. "Eles falaram que a televisão é muito forte, entra na casa da pessoa e quando isso acontece, é preciso respeitá-la, porque esta pessoa está recebendo você na casa dela". Conta Terena. E acrescenta: "É preciso saber conversar com as pessoas, saber transmitir estes nossos pensamentos para que o branco não fique com imagem ruim da gente e sim, se torne um grande amigo".

Marcos Terena também adiantou alguns temas que pretende abordar. Haverá, por exemplo, espaço para questões argumentar sobre a idéia: "Para o índio não existe um dono de tudo, ele vive numa sociedade coletiva, onde as pessoas trabalham em função umas das outras. Então, como dizer a eles que vão derrubar as matas para pagar os americanos? Eles sabem que têm que produzir para seu próprio povo e não para

quem não é brasileiro. O índio nunca aceitou ser administrado por outro povo — desde a colonização portuguesa — e se estivesse no lugar do branco, não admitiria a intervenção de outro povo".

Uma coisa é certa: o branco vai aprender muito com o índio. E vai levar para casa questões como: por que não valorizar a criança e abandoná-la nas ruas? Por que não valorizar os velhos, que têm uma carga de sabedoria e vida que os mais jovens não possuem? Por que há toda uma infra-estrutura física nas cidades e não existe comida para uma parte da população? São apenas exemplos de perguntas que Terena pretende lançar no ar. Só que sem choques, sem brigas. Diz o índio: "É preciso que índio e branco se integrem como os rios Negros e Solimões: eles se juntam para formar o Amazonas mas nunca se misturam. Correm juntos, em harmonia, mas não perdem sua identidade".

Na-ke-nhê-nhê í-ti? Assim vai começar a parte do índio no *Jornal de Vanguarda*. Apenas a tradução de Como vai você? Fala Terena: "Se eu falasse How are you? todo mundo ia saber o que queria dizer. Está na hora de os brancos conhecerem também um pouco da linguagem do índio". Então, aqui, eu adianto mais ao leitor esperto: Al-napónhátóe (muito obrigado) e Irraróti (até amanhã), se Tupá quiser.